

# A Mediatização da Energia nos Telejornais

Fevereiro, 2007

## working report



# A Mediatização da energia nos telejornais

## Análise do primeiro semestre de 2006

---

Ana Horta  
OberCom, 2007

### Índice

1. Introdução .....	2
2. Metodologia .....	4
3. Presença da energia nos telejornais .....	5
3.1. Evolução cronológica das notícias sobre energia .....	5
3.2. Temas mediatizados .....	6
3.3. Diversidade das energias representadas .....	7
3.4. Valência atribuída à energia .....	9
4. Relevância atribuída à energia .....	14
4.1. A energia na abertura dos telejornais .....	14
4.2. Distinções entre tipos de energia .....	17
5. Principais temáticas mediatizadas .....	19
5.1. Tematização da crise petrolífera .....	19
5.2. O programa nuclear do Irão .....	25
5.3. A hipótese de uma central nuclear em Portugal .....	27
6. Intervenientes na mediatização da energia .....	29
7. Síntese dos resultados .....	34
8. Bibliografia .....	36

## 1. Introdução

A energia constitui actualmente uma questão estratégica para as sociedades contemporâneas, sendo essencial ao desenvolvimento económico. É cada vez mais pertinente a discussão do paradigma energético vigente a nível mundial, face ao aumento do preço dos combustíveis, ao previsível esgotamento das jazidas de petróleo, ao delicado quadro geopolítico da localização das reservas de energias fósseis e à crescente percepção pública das consequências ambientais da concentração de gases com efeito de estufa. A intensidade com que recentemente têm sido mediatizadas as alterações climáticas e a necessidade de se cumprirem determinados níveis de emissões poluentes no quadro do Protocolo de Quioto conferem à questão energética particular urgência.

Dada a centralidade desta questão, tem sido incrementada a utilização de energias alternativas. Porém, assiste-se ainda ao desenvolvimento de projectos que visam aumentar, de modo mais eficiente, a exploração dos recursos não renováveis. A recente promoção pela União Europeia de uma nova política energética comum visando responder aos desafios das alterações climáticas, mas também da crescente dependência das importações energéticas e do aumento dos preços da energia (CCE, 2007) é igualmente um reflexo da atenção que actualmente recai sobre a energia.

No caso de Portugal, a questão energética surge agudizada pela fortíssima dependência face ao exterior. A vulnerabilidade da economia que daqui decorre é acentuada pelo contínuo crescimento do consumo energético e pela elevada ineficiência na utilização das energias. Neste contexto, os últimos governos têm aprovado políticas com vista à reorganização estratégica do sector, em que se incluem medidas no sentido da liberalização do mercado do gás e da electricidade e da promoção de energias renováveis.

A recente conjugação de diversos acontecimentos relevantes, quer no plano nacional, quer internacional, como a crise petrolífera, o programa nuclear do Irão, os processos em curso de liberalização do mercado energético e de criação de um mercado ibérico de electricidade, o 20º aniversário do acidente de Chernobyl ou o debate público em torno da eventual construção de uma central nuclear em Portugal, conduziu a que, ao longo do primeiro semestre de 2006, a questão energética surgisse no espaço público de uma forma particularmente pertinente e interessante.

Tendo em conta o reconhecido papel dos média, e em particular da televisão, o mais poderoso dos meios de comunicação e principal fonte de informação da população portuguesa, na construção da percepção pública da realidade, considerou-se relevante analisar o modo como foi produzida a informação sobre energia nos principais telejornais nacionais.

No que diz respeito à produção de informação televisiva, importa não esquecer que, se por um lado os telejornais constituem um produto jornalístico que transmite representações da sociedade e de como nela se entende a realidade, por outro lado, não deixam de ser um dos principais elementos usados pelas televisões nas suas estratégias de programação com vista à captação de audiências, pelo que, num contexto de intensa concorrência, a actividade jornalística tende a ser orientada tanto por valores profissionais como por parâmetros comerciais.

Uma análise da mediatização da energia deve assim tomar em consideração o actual contexto de produção da informação televisiva.

## 2. Metodologia

O objecto de estudo deste relatório consiste na análise do modo como os assuntos relacionados com as energias são abordados jornalisticamente nos principais noticiários das três televisões nacionais de sinal aberto. O universo do estudo compreende os três telejornais de horário nobre, isto é, com início às 20 horas, transmitidos pela RTP1, SIC e TVI, durante o primeiro semestre de 2006, num total de 543 programas.

Na selecção do *corpus* de análise, ou seja, de todas as notícias relacionadas com energias transmitidas nesse universo, recorreu-se aos dados coligidos pelo serviço E-Telenews da Mediamonitor/Markttest.

A análise visava caracterizar a mediatização desta temática nos noticiários televisivos relativamente aos seguintes parâmetros:

- contexto de emissão: data, programa/canal, duração total do programa, total de peças do programa;
- hierarquização da notícia: destaque atribuído e posição no alinhamento do telejornal;
- formato: género, duração;
- conteúdo: tipo de energia/s referida/s, descritores temáticos genérico e específico, valência atribuída ao assunto, títulos da notícia;
- intervenientes: identificação e tempos de palavra.

Foi construída uma base de dados codificada de acordo com este conjunto de variáveis. Os dados relativos ao contexto de emissão e à duração de cada notícia correspondem à informação prestada pela Mediamonitor/Markttest. Os dados restantes resultam da aplicação de uma grelha de codificação ao visionamento de cada notícia, igualmente possível através do serviço E-Telenews.

O *corpus* de análise, composto por 493 notícias, com uma duração total de 808 minutos, foi submetido a análise de conteúdo quantitativa.

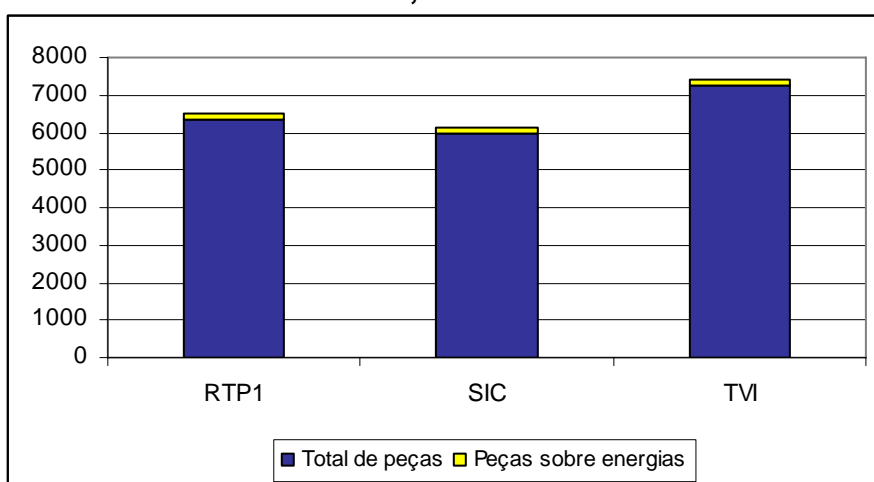
### 3. Presença da energia nos telejornais

Durante o primeiro semestre de 2006, as energias foram noticiadas pelos telejornais de *prime time* da RTP1, SIC e TVI com bastante frequência. De facto, foram emitidas notícias sobre energias em 124 do total de 181 dias analisados, isto é, em 68,5% das edições destes telejornais surgiu pelo menos uma peça informativa sobre energia.

Tendo em conta que, em média, cada noticiário apresentou 36 notícias, pode estimar-se que as notícias relacionadas com energia representaram 2,5% das unidades informativas dos telejornais deste período.

Embora, em termos absolutos, existam ligeiras diferenças no total de notícias sobre energias entre os três canais, relativamente ao total de peças transmitidas por cada programa, a presença das energias é muito semelhante. Com efeito, a RTP1 transmitiu 178 peças informativas sobre energias, a TVI 169 e a SIC 146. Mas com base na média observada neste período de 35 peças por cada noticiário da RTP1, 33 por cada um da SIC e 40 por cada da TVI, pode estimar-se que a proporção de notícias sobre energia tenha sido, respectivamente, de 2,8%, 2,4% e 2,3% nos telejornais do *corpus* (Gráfico 1).

Gráfico 1. Notícias sobre energia no 1º semestre de 2006: telejornais da RTP1, SIC e TVI



#### 3.1. Evolução cronológica das notícias sobre energia neste período

Pode observar-se também que, em termos globais, foi com grande irregularidade que as notícias relacionadas com as energias se distribuíram ao longo do semestre (Gráfico 2).

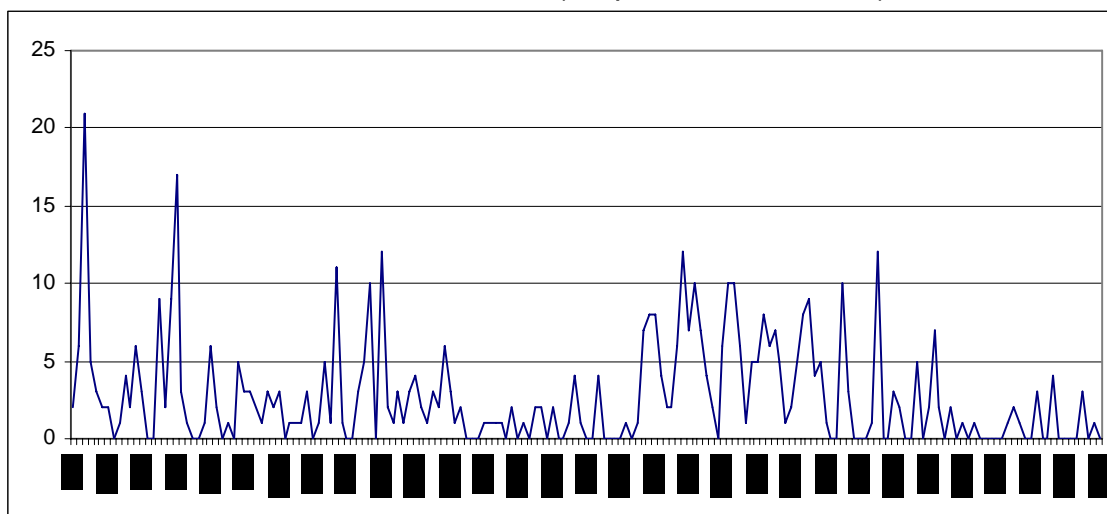
No início de Janeiro, verificam-se dois importantes picos de notícias, o primeiro relacionado sobretudo com a entrada da espanhola Iberdrola no controlo da EDP, mas também com problemas no abastecimento de gás à Ucrânia, e o segundo devido ao aumento do preço do petróleo.

Em meados de Fevereiro, a apresentação do plano de privatizações do governo, em que se incluem empresas como a GALP e a EDP, a polémica internacional acerca do programa nuclear do Irão e o debate público em torno da hipótese de instalação de uma central nuclear em Portugal motivaram um aumento da frequência de notícias.

Entre Abril e meados de Maio, o grande volume noticioso registado justifica-se sobretudo pelo facto de ter sido um período caracterizado por sucessivos aumentos no preço do petróleo.

Relativamente ao mês de Junho, deverá ter-se em consideração que a extensa cobertura televisiva do Campeonato Mundial de Futebol teve como efeitos não só reduzir a duração de vários telejornais, como diminuir a diversidade dos restantes temas noticiados. Deste modo, em 18 dos dias de Junho não foram emitidas quaisquer notícias relacionadas com energias.

**Gráfico 2. Total de notícias sobre energias: telejornais da RTP1, SIC e TVI, 1º semestre de 2006 (frequências absolutas)**



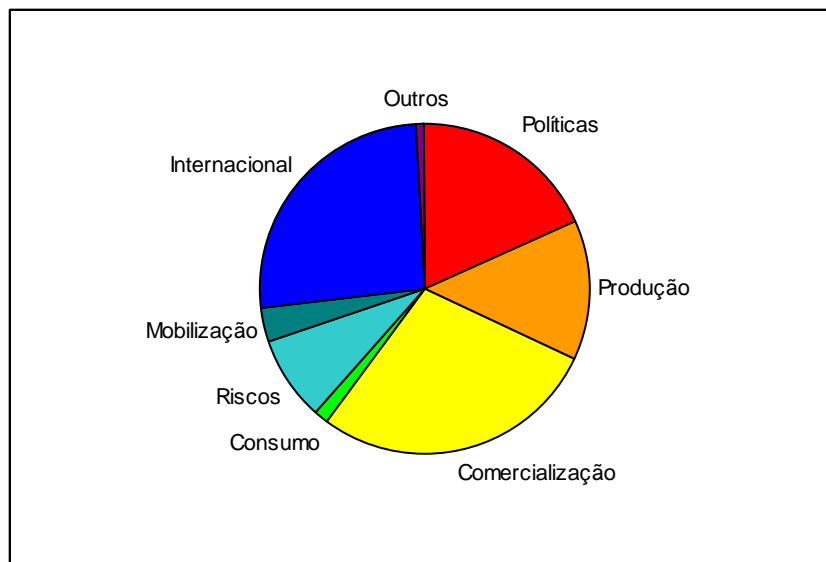
### 3.2. Temas mediatizados

A categorização temática construída para codificar os temas genéricos das notícias relacionadas com energias incluía nove tópicos de carácter universalista. Num segundo nível de análise, mais específico, foram discriminados diversos temas relacionados com a actualidade que caracterizou este período.

No plano genérico, e tal como mostra o Gráfico 3, observou-se que o tema mais frequente foi o da comercialização de energia (28% das unidades

informativas), seguindo-se a actualidade internacional (26,2%), políticas governamentais (18,5%), assuntos ligados à produção energética (13,6%), riscos associados às energias (8,3%), aspectos de mobilização social (3,2%), consumo de energia (1,4%) e outros (0,8%).

**Gráfico 3. Notícias sobre energia: temáticas abordadas**



De acordo com a evolução cronológica dos acontecimentos relacionados com energia acima descrita, os temas específicos que mais se destacaram foram a subida de preço do petróleo (22,5% dos casos) e a questão do programa nuclear do Irão (20,3%). Com uma expressão bastante mais reduzida, encontram-se os aspectos associados à criação do mercado ibérico de electricidade (5,9%), a apresentação pública de projectos de criação de centrais produtoras de energia (4,9%), o anúncio de projectos de investimento no sector (4,1%), explosões e incêndios (4,1%) e o Imposto sobre Combustíveis (3,9%), entre outros.

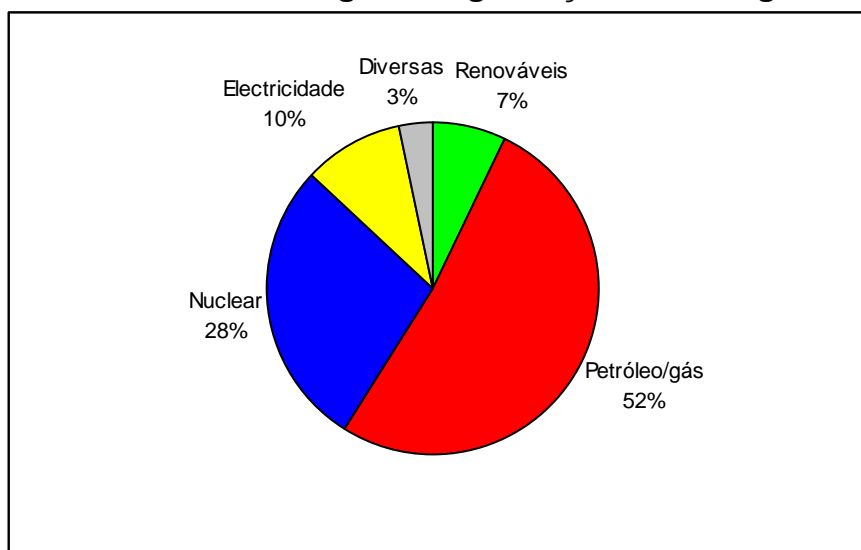
### **3.3. Diversidade das energias representadas**

Especificando os diversos tipos de energia representados na informação produzida neste período pelos telejornais, verifica-se a existência de um grande desequilíbrio na frequência com que foram noticiados. Com efeito, analisando a distribuição do total de peças analisadas pelo tipo de energia referida, e dada a presença dominante na informação produzida da crise petrolífera e do programa nuclear do Irão, observa-se imediatamente um domínio de representatividade das energias convencionais.

Efectivamente, as notícias relativas às energias renováveis correspondem a apenas 7% do total, enquanto o petróleo e o gás natural foram tema de cerca de metade (52% dos casos) e o nuclear ocupou quase um terço (28%) das peças analisadas (Gráfico 4).



Gráfico 4. Notícias sobre energia: categorização das energias abordadas

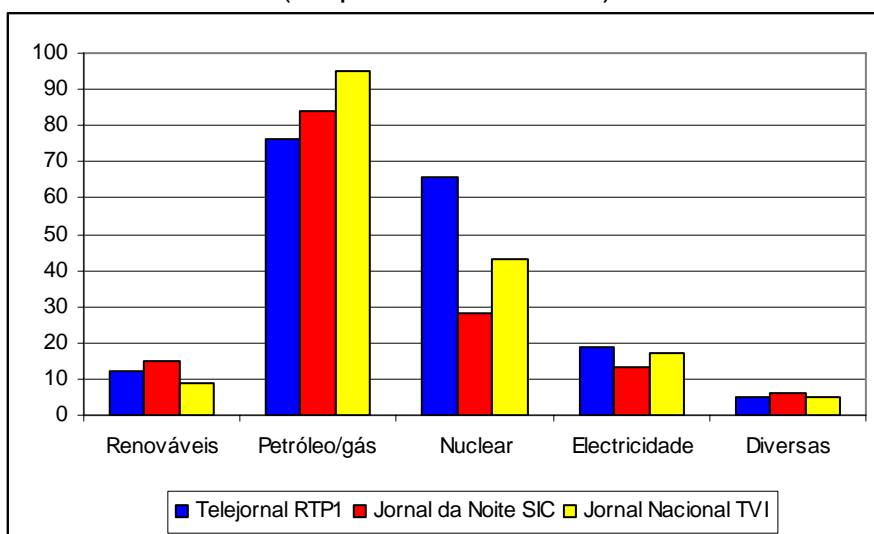


Este peso da representação do petróleo e nuclear parece corresponder ao que se verificou nos telejornais da RTP entre 1957 e 1995. De facto, como observou Luísa Schmidt (2003), foi a energia nuclear, sobretudo, e o petróleo, devido a temas reportados ao contexto internacional, que motivaram a maior parte do noticiário televisivo sobre energia. Saliente-se, porém, que no primeiro semestre de 2006, dado o contexto de crise petrolífera, esta energia foi noticiada mais frequentemente que o nuclear e, além disso, as peças tendiam a representar fundamentalmente o contexto nacional, como é demonstrado pelo tipo de intervenientes mais frequentemente chamados a depor (ponto 5.1).

A forma como esta categorização das energias noticiadas surge distribuída pelos três telejornais tende a ser semelhante, embora se destaquem diferenças a respeito da energia nuclear e do petróleo e gás natural. Nestes dois casos, como mostra o Gráfico 4, a RTP1 tende a distinguir-se das restantes televisões. Com efeito, quase metade (48,2%) do total das notícias sobre energia nuclear foram transmitidas pela RTP1.

Esta diferença parece dever-se sobretudo ao facto de a RTP1 ter dado mais atenção a questões internacionais. Efectivamente, esta fonte energética foi notícia com grande frequência principalmente devido à forte polémica internacional em torno do programa nuclear do Irão. É também evidente uma menor atenção do *Telejornal* acerca do petróleo e gás natural (29,8%), relativamente à SIC (32,6%) e, sobretudo, à TVI (37,3%).

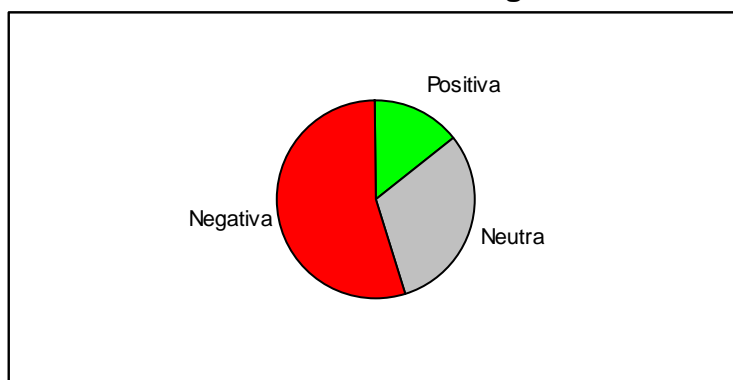
Gráfico 4. Tipos de energia: telejornais da RTP1, SIC e TVI (frequências absolutas)



### 3.4. Valência atribuída à energia

Foi igualmente analisada a valência, ou conotação, atribuída aos assuntos noticiados no discurso jornalístico, entendido de forma global. Distinguiu-se, assim, entre um modo positivo, neutro ou negativo de reportar as peças. Os dados obtidos indicam que prevaleceu um discurso de carácter negativo nas notícias relacionadas com energias. Como mostra o Gráfico 5, em 55% das peças a valência foi considerada negativa, em 30,6% foi considerada neutra e, em 14,4%, positiva.

Gráfico 5. Notícias sobre energia: valência



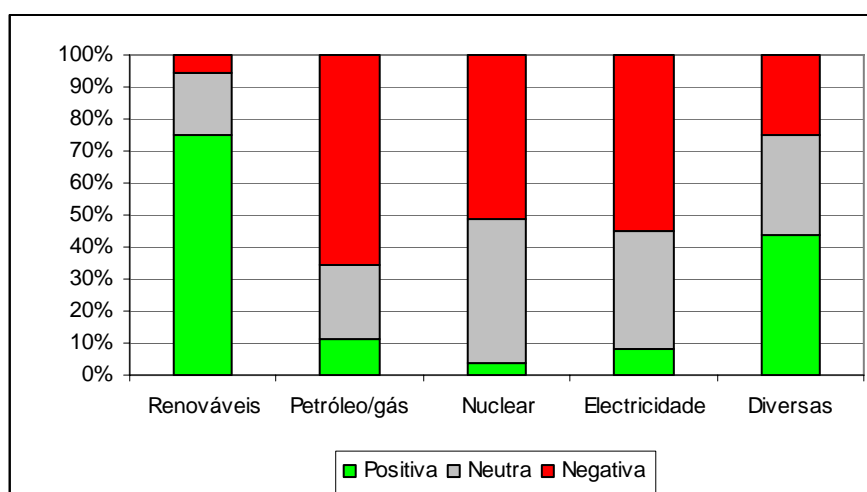
Na medida em que o petróleo e o gás, mas também o nuclear, as energias mais frequentemente representadas no *corpus*, tenderam a ser noticiados neste período devido a circunstâncias críticas – a forte escalada no preço dos produtos petrolíferos, dificuldades no abastecimento de gás à Ucrânia, explosões em condutas de gás e petróleo, tensão internacional acerca do

programa nuclear do Irão – a energia surge globalmente representada de modo grave e pouco sustentável.

No entanto, esta imagem tendencialmente negativa associada à energia corresponde não só aos eventos ocorridos, mas também aos critérios de noticiabilidade utilizados pelos jornalistas, ao atribuírem valor informativo à negatividade (Traquina, 2002). Com efeito, as energias renováveis, que tendem a ser reportadas com sentido positivo, surgem abordadas nos telejornais com frequências muito reduzidas.

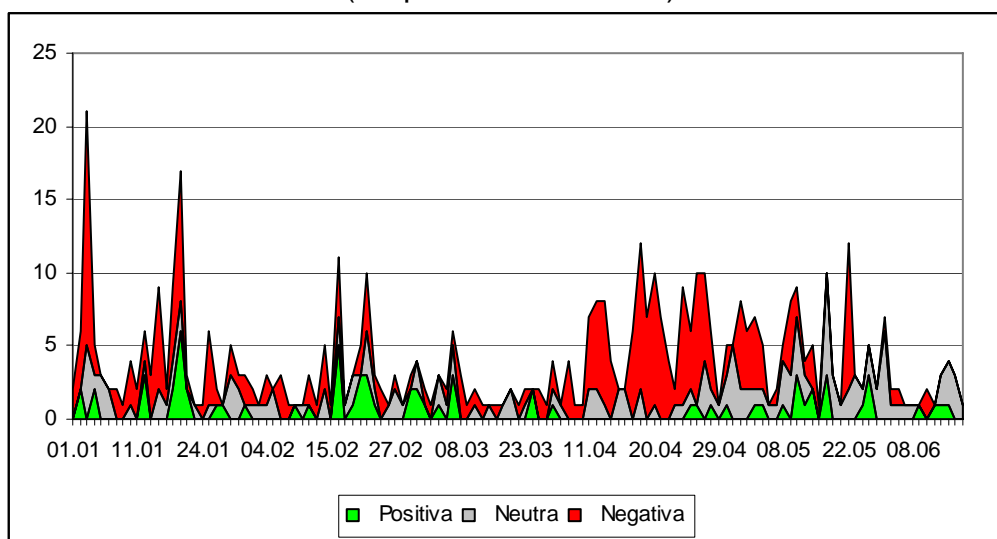
Efectivamente, existem significativas divergências na valência atribuída às peças relativas aos diferentes tipos de energia. Como mostra o Gráfico 6, o conjunto das notícias sobre energias renováveis tem, em 75% dos casos, valência positiva, proporção inigualável pelos restantes tipos, onde prevalece a valência negativa (à excepção das peças em que são abordadas diversas energias simultaneamente). Assim, têm sentido negativo 65,9% das notícias sobre petróleo ou gás natural, 51,1% das notícias sobre energia nuclear e 55,1% das notícias sobre electricidade.

**Gráfico 6. Valência das notícias sobre energia: categorização das energias abordadas**



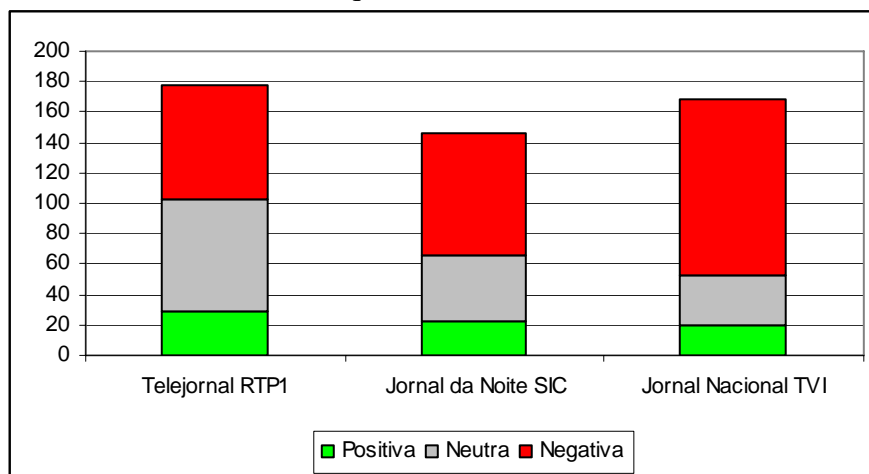
Observando a evolução das notícias sobre energia ao longo do semestre, constata-se que as peças com valência negativa tendem a concentrar-se nos momentos em que é dada maior atenção pelos telejornais a estes assuntos: o poder da Iberdrola dentro da EDP (no início de Janeiro) e, sobretudo, os sucessivos aumentos de preço dos produtos petrolíferos verificados em Janeiro, Abril e Maio (Gráfico 7). Estes dados indicam uma tendência de dramatização das questões relacionadas com energia.

**Gráfico 7. Evolução cronológica das notícias sobre energia: valência (frequências absolutas)**



Quanto à distribuição da valência das notícias sobre energia relativamente aos três noticiários, pode verificar-se, como mostra o Gráfico 8, que a TVI tende a privilegiar peças com uma abordagem com sentido negativo: 68,6% dos casos, enquanto na RTP1 e na SIC essas proporções foram, respectivamente, 42,1% e 54,8%. Já a RTP1 apresentou mais frequentemente peças com valência neutra (41,6%), contra proporções de 30,1% na SIC e 19,5% na TVI.

**Gráfico 8. Valência das notícias sobre energia: RTP1, SIC e TVI (frequências absolutas)**



Constata-se assim que a tendência de dramatização dos assuntos relacionados com energia tende a surgir, sobretudo, nas televisões privadas e, de modo mais destacado, na TVI. Estes factos não serão alheios a estratégias de captação de audiências pela dramatização de um tema com profundas implicações nos planos político, económico e social.

Os casos das notícias de explosões e incêndios relacionados com energia parecem elucidativos desta tendência para a dramatização. Das vinte notícias registadas com esta temática, verifica-se que quatro foram emitidas pelo telejornal da RTP1, seis pelo da SIC e dez (50% dos casos) pelo da TVI.

Entre estas notícias, destacou-se pela particular violência das imagens e da descrição verbal do acidente e do estado das vítimas, a explosão de um oleoduto de petróleo na Nigéria, que terá causado a morte de cerca de 200 pessoas. Todos os noticiários transmitiram esta notícia a 12 de Maio. Na RTP1 com a duração de 24 segundos, na SIC com a duração de um minuto e 17 segundos e, na TVI, com a duração de um minuto e 43 segundos e, ainda, os relatos de três testemunhas, intervenientes não identificados. Caso único em todo o *corpus*, no dia seguinte, 13 de Maio, esta mesma notícia, sem qualquer valor informativo adicional, usando as imagens da véspera, voltou a ser transmitida pelo *Jornal Nacional* da TVI. Estes dados sugerem ter-se tratado de um caso de dramatização do sofrimento humano sem justificação informativa.

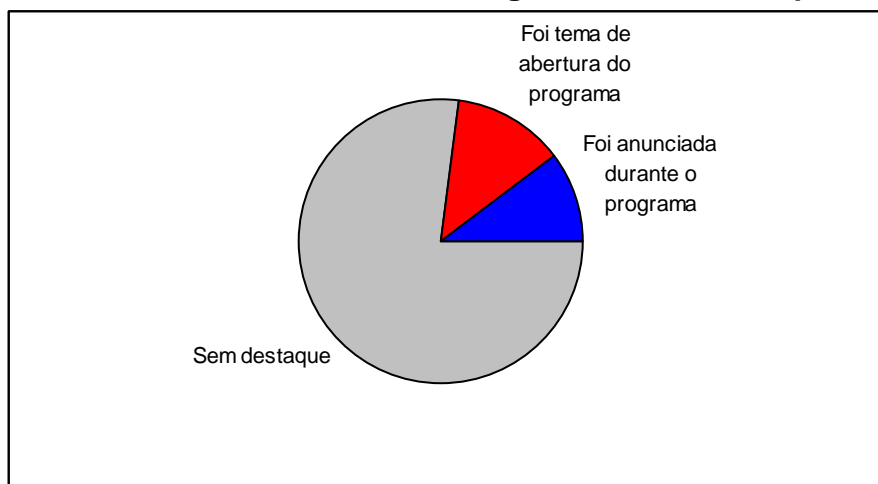
## 4. Relevância atribuída à energia

Além da presença da energia nos telejornais, importa analisar o modo como lhe foi reconhecida relevância informativa. De seguida, apresentam-se alguns indicadores, como o tipo de destaque das peças informativas, as suas posições no alinhamento do telejornal e o respectivo tempo de duração.

Verifica-se em primeiro lugar que as notícias sobre energia tenderam a surgir de forma normalizada nos telejornais analisados. Com efeito, 77,1% destas notícias foram emitidas sem qualquer destaque no decurso dos telejornais. Não obstante, quase um quarto do total das notícias sobre energias foi objecto de promoção da atenção: em 12,8% dos casos, estas notícias constituíram o tema de abertura dos telejornais e 10,1% das peças foram anunciadas durante a exibição dos noticiários (Gráfico 9).

Estes dados demonstram haver algum capital de noticiabilidade no tema, quer pela frequência com que foi produzida informação, quer pelo destaque que lhe foi dado.

Gráfico 9. Notícias sobre energia: nível de destaque



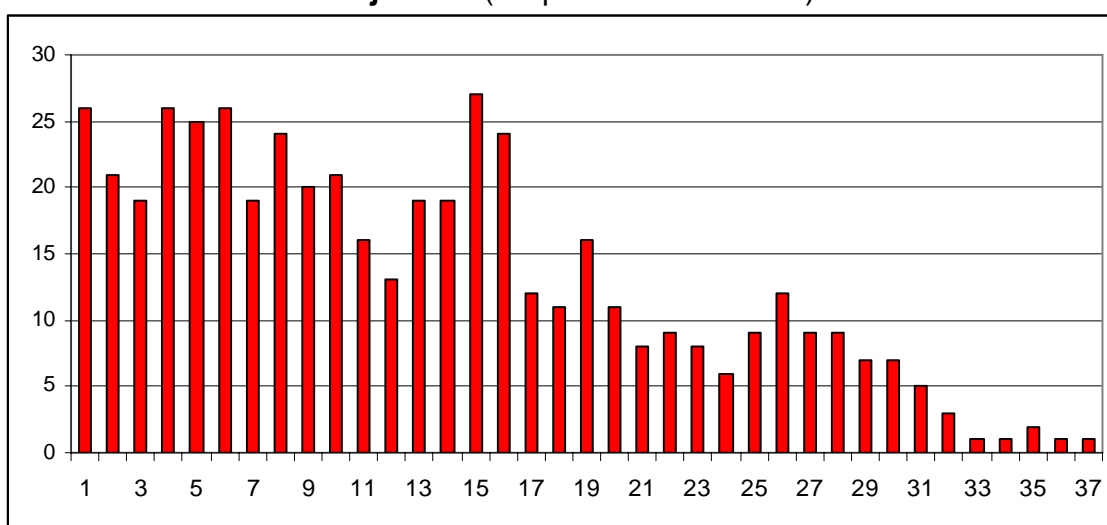
A este respeito, as diferenças entre canais não parecem muito significativas, embora seja possível observar que o *Jornal da Noite* (SIC) foi o programa que mais frequentemente (17,8% das notícias emitidas) utilizou as energias como tema de abertura, em contraste com a TVI que o fez em 9,5% das notícias, enquanto a RTP1 recorreu a essa forma de realce em 11,8% das peças. Por outro lado, foi a RTP1 que mais frequentemente anunciou durante o telejornal as notícias relacionadas com energias (14% dos casos), enquanto na SIC e na TVI isso ocorreu em 8,9 e 7,1% das peças.

Outro indicador da relevância atribuída à questão energética nos telejornais consiste na posição que estas notícias ocupam nos alinhamentos dos noticiários. Embora não seja possível aferir claramente a importância atribuída

a um assunto apenas pela sua posição no alinhamento de um telejornal, sobretudo não se tratando da primeira notícia, os dados obtidos permitem observar que as notícias relacionadas com energias tenderam a concentrar-se na primeira metade dos telejornais.

Com efeito, 70% das notícias sobre energias situam-se até à 16ª posição nos alinhamentos, inclusivamente (Gráfico 10). Tendo em consideração que, em média, os telejornais analisados apresentaram um total de 36 peças, poderá deduzir-se que estes temas surgem posicionados de forma favorável.

Gráfico 10. **Notícias sobre energias: posição no alinhamento dos telejornais (frequências absolutas)**



A duração das notícias pode também ser considerada um indicador da relevância que lhes é atribuída, dado que as peças são valorizadas pelo tempo que lhes é dispensado (Brandão, 2002).

No *corpus*, a duração das peças correspondeu, em média, a 1 minuto e 38 segundos. 43% das notícias duraram entre 1m31s e 2m30s, 36,3% duraram entre 0m31s e 1m30s, 12,6% duraram mais de 2m31s (até um máximo de 5m58s) e 8,1% não excederam 30 segundos. Nos telejornais da RTP1, a duração média das notícias sobre energia foi de 1m36s, nos da SIC correspondeu a 1m32s, e nos da TVI, 1m45s. Nas notícias desta última televisão, o recurso a comentadores, cujo tempo de palavra atinge vários minutos, terá contribuído para elevar a duração média das notícias.

#### 4.1. A energia na abertura dos telejornais

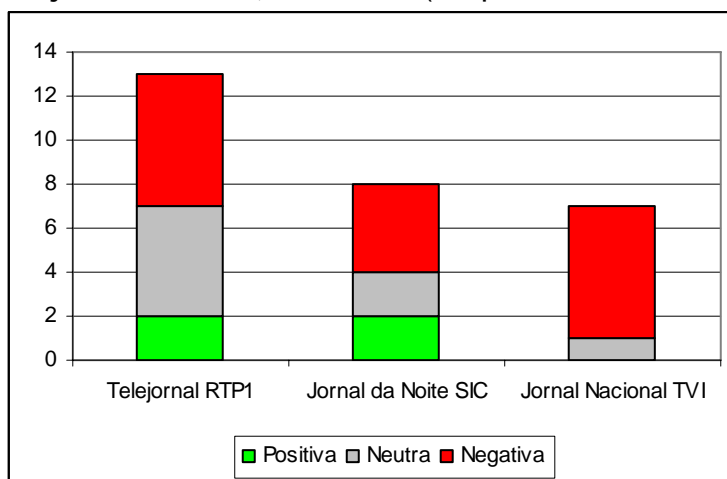
As notícias de abertura dos telejornais podem ser consideradas as mais importantes do noticiário, expressando a valorização jornalística da actualidade e dos acontecimentos do dia (Brandão, 2002). Como referido acima, em 12,8% dos casos, as notícias sobre energia constituíram o tema de abertura dos telejornais analisados.

Em termos globais, os temas das notícias sobre energia seleccionadas para a abertura dos telejornais dizem principalmente respeito a políticas ou medidas governativas (44,4%), sobretudo relacionadas com a liberalização do mercado eléctrico, e à comercialização das energias (42,9%), particularmente o aumento do preço do petróleo.

A este nível encontram-se algumas diferenças entre canais. Por um lado, a RTP1 tornou as políticas governativas tema de abertura do telejornal com mais frequência do que os outros canais. De facto, enquanto na RTP1, do total de notícias sobre energias correspondentes ao tema de abertura, 61,9% diziam respeito a políticas, na SIC essa proporção foi cerca de metade (30,8%) e na TVI foi de 43,8%. Em contrapartida, foi principalmente na SIC que as notícias acerca da comercialização de energias – no essencial relativas ao aumento do petróleo – foram abertura dos telejornais (57,7% dos casos), enquanto na TVI isso ocorreu em 43,8% e na RTP1 em 23,8% dos casos.

Deste modo, na RTP1 foram tema de abertura do *Telejornal* sobretudo notícias acerca de políticas ou medidas governativas (61,9%), na SIC foram privilegiadas notícias relativas à crise petrolífera (57,7%) e na TVI os dois temas foram privilegiados na mesma proporção (43,8% dos casos). Se, no que diz respeito às notícias de abertura dos telejornais relativas às subidas de preço do petróleo, nas três televisões a valência das peças foi sempre negativa, quanto às políticas ou medidas governativas, como mostra o Gráfico 11, verifica-se que, na TVI, em 85,7% dos casos, as peças tinham conotação negativa, enquanto na SIC isso ocorreu em 50% dos casos e na RTP1 em 46,2%.

Gráfico 11. Valência das notícias sobre política energética na abertura dos telejornais: RTP1, SIC e TVI (frequências absolutas)



O *Jornal Nacional* da TVI destaca-se, assim, numa atitude crítica relativamente às políticas públicas na área da energia.

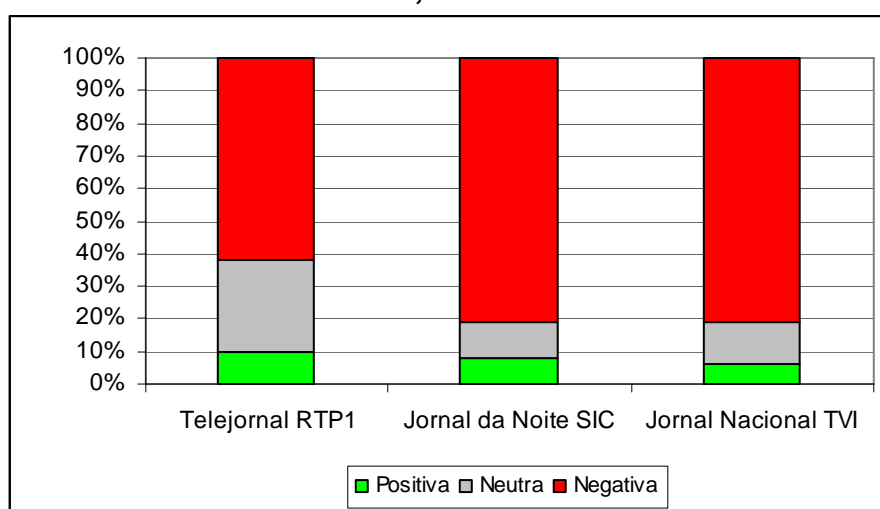
Como se pode observar através do Gráfico 12, os telejornais da RTP1 distinguem-se dos restantes no que diz respeito à valência atribuída às notícias, isto é, às marcas de conotação positiva ou negativa no discurso jornalístico



produzido acerca do assunto reportado. É na RTP1 que, entre as peças que constituíram abertura dos noticiários, se verifica uma maior proporção de notícias apresentadas de modo neutro (28,6%), enquanto na TVI e na SIC, essas proporções são de, respectivamente, 12,5 e 11,5% dos casos. A este respeito, a RTP1 surge assim como o canal em que estes assuntos são noticiados de modo mais objectivo.

Pode observar-se igualmente que, nos casos em que as notícias sobre energias constituíram o tema de abertura dos telejornais analisados, foi tendencialmente privilegiada uma abordagem negativa dos assuntos noticiados, o que aconteceu sobretudo na TVI (81,3% dos casos) e na SIC (80,8% dos casos) e consideravelmente menos na RTP1 (61,9% dos casos).

Gráfico 12. **Valência das notícias sobre energia na abertura dos telejornais: RTP1, SIC e TVI**



Estas diferenças indicam que na SIC e TVI houve uma tendência para a dramatização e acentuação do carácter negativo dos acontecimentos relacionados com energia neste período.

Observa-se também que foi principalmente na RTP1 que as notícias sobre acontecimentos internacionais constituíram tema de abertura do telejornal, o que ocorreu em 9,5% dos casos, enquanto na SIC essa proporção foi de 3,8% e na TVI nunca aconteceu.

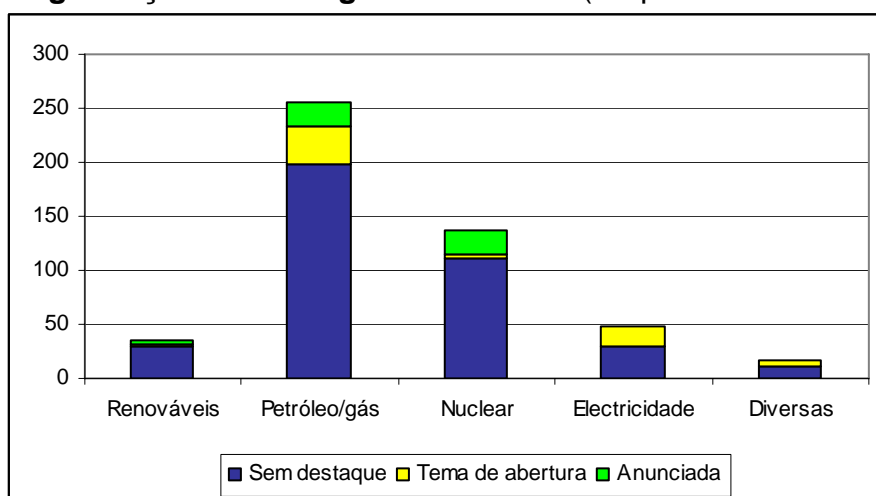
Esta diferenciação na informação dos três canais parece estar relacionada com o facto de o *Telejornal* da RTP1 procurar corresponder a um modelo de noticiário caracterizado pelos parâmetros de serviço público, enquanto a SIC e a TVI, tratando-se de televisões privadas, tendem a orientar-se de acordo com critérios mais estritamente comerciais.

## 4.2. Distinções entre tipos de energia

A relevância atribuída às notícias surge até certo ponto associada ao tipo de energia focada. De facto, discriminando o destaque dado às notícias por tipo de energia, verifica-se que 55,6% das notícias que constituíram tema de abertura dos telejornais diziam respeito ao petróleo, 28,6% abordavam a electricidade e apenas 3,2% referiam qualquer das energias renováveis.

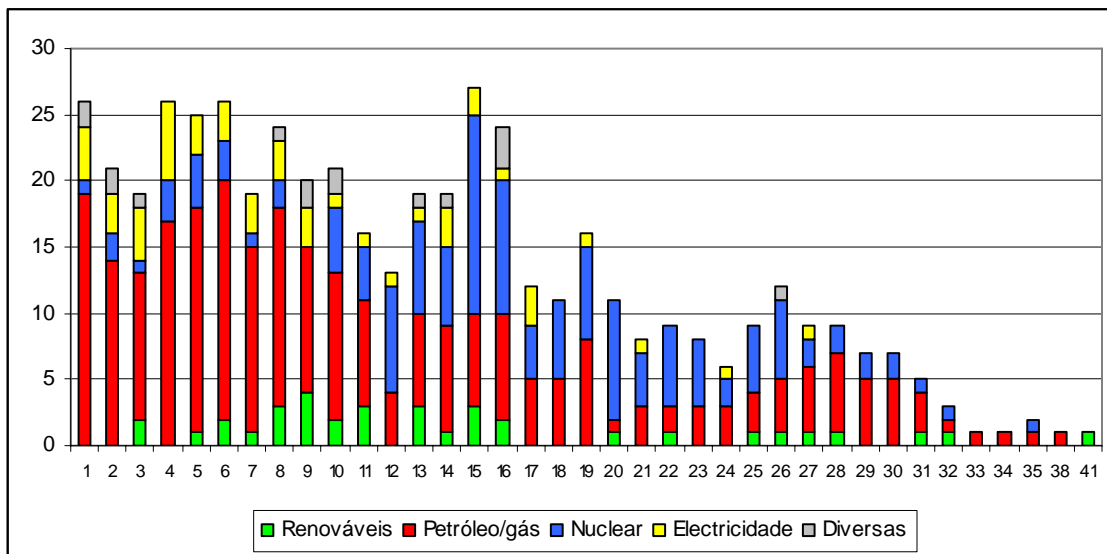
O Gráfico 13 mostra claramente como é desigual, na mediatização da energia, a conjugação da frequência com que é produzida informação e o destaque atribuído aos diversos tipos energéticos. O petróleo e o gás natural, que representam 51,7% do total das energias noticiadas, foram também objecto de maior atenção jornalística. De modo semelhante, a energia nuclear, que corresponde a 27,8% do total das notícias, foi objecto de frequentes anúncios durante os telejornais. Já a electricidade, denotando o interesse estratégico que lhe é reconhecido, embora representasse apenas 9,9% das notícias emitidas sobre energia, em 36,7% das vezes em que foi noticiada constituiu tema de abertura dos telejornais.

**Gráfico 13. Nível de destaque dado às notícias sobre energia: categorização das energias abordadas (frequências absolutas)**



Noutra perspectiva, pode igualmente observar-se que, no que diz respeito ao modo como as peças sobre as diversas energias surgiram posicionadas no alinhamento dos telejornais, é mais uma vez o petróleo, juntamente com o gás natural, que surge de modo privilegiado. De facto, 64,8% das peças apresentadas nos dez primeiros lugares do alinhamento dos telejornais referiam-se ao petróleo e gás (Gráfico 14).

Gráfico 14. Posição no alinhamento dos telejornais: tipo de energia (frequências absolutas)



## 5. Principais temáticas mediatizadas

Na informação produzida pelos telejornais durante o primeiro semestre de 2006 destacaram-se dois tipos de energia, a petrolífera e a nuclear, a que correspondem algumas temáticas que importa analisar mais detalhadamente.

### 5.1. Tematização da crise petrolífera

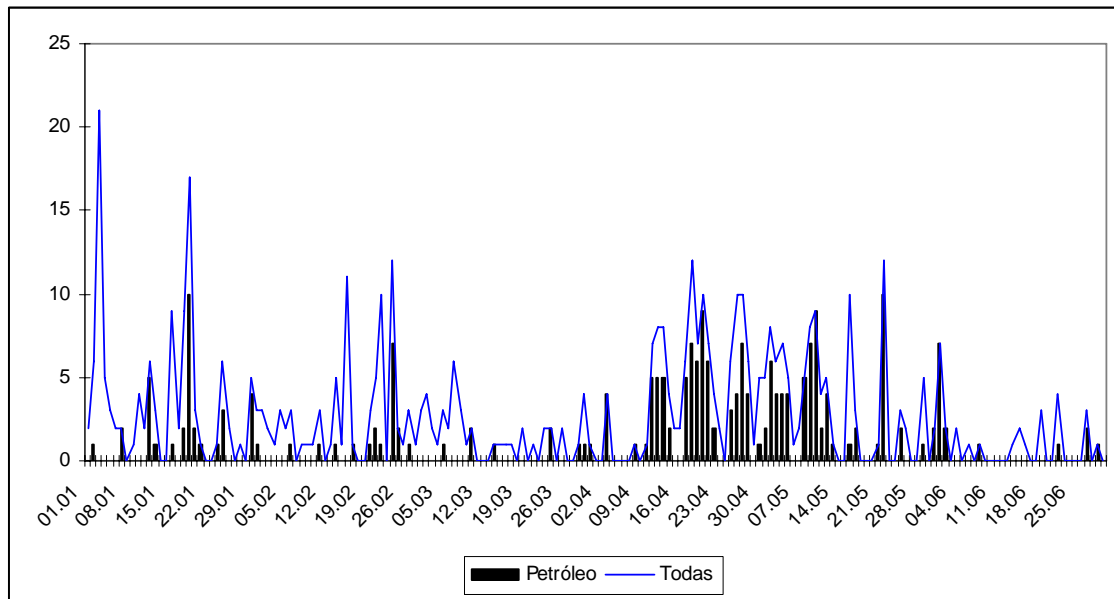
Tendo ocorrido no primeiro semestre de 2006 uma histórica escala do preço dos produtos petrolíferos, e dada a fortíssima dependência económica do país relativamente a esta energia, era previsível que houvesse no *corpus* de análise uma elevada proporção de peças sobre este combustível fóssil. Efectivamente, 44,4% do total das notícias analisadas referem-se ao petróleo.

Esta observação corresponde ao que Luísa Schmidt verificou ter ocorrido entre 1957 e 1995 nos noticiários de *prime time* da RTP1: o petróleo tende a ser notícia na perspectiva de crise (Schmidt, 2003: 238). Com efeito, foi em 1973-74, com a primeira crise petrolífera, que o petróleo se tornou objecto da atenção dos noticiários da RTP (Schmidt, 2003).

O Gráfico 15 mostra como tende a ser estreita a relação entre a evolução do total de notícias sobre energia e a cronologia da crise petrolífera vivida neste período. De facto, o pico de notícias a 18 de Janeiro correspondeu ao anúncio de que a gasolina e o gasóleo iam aumentar 3 cêntimos devido à subida da taxa do Imposto sobre Combustíveis e, a partir de 10 de Abril, quando o preço do petróleo atingiu o recorde histórico de 68,9 dólares por barril em Londres, sucederam-se rapidamente, por vezes diariamente, novos máximos, até 2 de Maio, quando aquele preço atingiu 74,93 dólares.

Porém, mesmo depois de se ter invertido a tendência de subida do preço do petróleo e estas notícias terem deixado de surgir, o tema manteve-se «em alta». Com efeito, a partir de 3 de Maio, quando foi noticiada uma ligeira descida do preço do barril de petróleo, verifica-se ainda grande volume de peças acerca do custo do petróleo nos telejornais (Gráfico 15).

**Gráfico 15. Notícias sobre petróleo e sobre energia em geral: 1º semestre de 2006 (frequências absolutas)**



Isto parece dever-se ao facto de as notícias da subida do preço do petróleo terem sido acompanhadas de diversas peças jornalísticas acerca da ameaça que esta situação representava para a economia nacional e para o custo de vida dos consumidores, ou até de sugestões para economizar na utilização dos combustíveis. Assim, entre meados de Abril e Maio, surgiram com grande frequência notícias cuja inclusão nos telejornais depende sobretudo de uma opção jornalística de dar continuidade durante um certo período de tempo a um tema considerado importante.

Os seguintes títulos de notícias, não sendo exaustivos, permitem exemplificar o modo como, essencialmente a SIC e a TVI, produziram informação complementar a propósito do aumento do preço do petróleo.

13 Abril	TVI	PETRÓLEO: PREÇOS AMEAÇAM CRESCIMENTO PORTUGUÊS
14 Abril	SIC	PETRÓLEO CARO: PORTUGAL PODE PAGAR MAIS 1.500 MILHÕES DE EUROS EM ENERGIA
17 Abril	SIC	COMBUSTÍVEIS MAIS CAROS: PORTUGUESES PERDEM PODER DE COMPRA
20 Abril	TVI	TRANSPORTES: COMBUSTÍVEIS VÃO FAZER AUMENTAR PREÇOS
25 Abril	SIC	GASOLINA EM ESPANHA: POUPANÇA DE 10 EUROS POR DEPÓSITO
26 Abril	TVI	COMBUSTÍVEIS: GOVERNO NÃO ABDICA DO IMPOSTO
28 Abril	SIC	CONDUÇÃO ECONÓMICA: COMO POUPAR ATÉ 35 CÊNTIMOS POR LITRO
4 Maio	SIC	15 AUMENTOS EM 4 MESES: PREÇOS DOS COMBUSTÍVEIS BATEM RECORDES
5 Maio	SIC	ALTERNATIVA AO PETRÓLEO: CARRINHA MOVIDA A ÓLEO VEGETAL USADO
5 Maio	TVI	COMBUSTÍVEIS: VIAGEM LISBOA-PORTO CUSTA MAIS 4 EUROS
11 Maio	SIC	PREÇOS ALTOS: CONSUMO DE COMBUSTÍVEIS BAIXA
12 Maio	TVI	COMBUSTÍVEIS: HIPERMERCADOS VENDEM MAIS BARATO
22 Maio	SIC	EM ANÁLISE: O PAÍS E O MUNDO REFÊNS DO PETRÓLEO
22 Maio	SIC	PREÇO DOS COMBUSTÍVEIS: PESO GRANDE NO ORÇAMENTO FAMILIAR
22 Maio	SIC	PREÇO DOS COMBUSTÍVEIS: GANHAM PETROLÍFERAS E O ESTADO
29 Maio	SIC	CRIANÇAS APRENDEM: CARRINHOS A ENERGIA SOLAR

Neste tipo de produção noticiosa, as redacções conseguem mais facilmente controlar o noticiário produzido, podendo programar previamente parte das peças a emitir (Tuchman, 1978). Esta vantagem, associada ao interesse do público por um tema que tem fortes impactos, directos e indirectos, no quotidiano da população, parece justificar grande parte do volume noticioso que caracteriza a crise petrolífera. Porém, identifica-se aqui uma estratégia de aproximação ao público (Jespers, 1998) que visa captar a atenção das audiências. Acrescendo o facto de este tipo de informação tender a surgir apenas nas duas televisões privadas, parece poder afirmar-se que esta tendência revela um interesse comercial na promoção jornalística da crise petrolífera enquanto série de acontecimentos.

O interesse comercial na abordagem jornalística da crise petrolífera não deve ser considerado alheio à dramatização do tema. A estreita relação entre a lógica de mercado da informação e a dramatização é antiga e bem conhecida. Uma componente de dramatização da informação foi já referida, tendo-se verificado que as peças sobre os aumentos do preço do petróleo tenderam a surgir nas primeiras posições do alinhamento dos telejornais (Gráfico 14).

Outra componente de dramatização diz respeito ao modo como os discursos jornalísticos sobre o petróleo foram valorativos, ou seja, foram representados ou apresentaram elementos de neutralidade ou, pelo contrário, conotaram interpretações positivas ou negativas. A valência das notícias permite averiguar o sentido que lhes é dado pelos telejornais (Brandão, 2006).

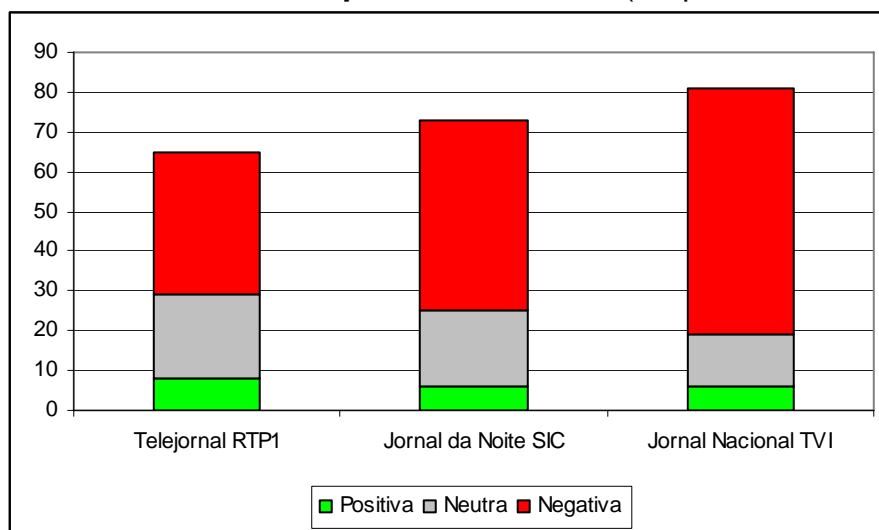
No conjunto das peças emitidas acerca do petróleo, verifica-se que a valência do discurso jornalístico é tendencialmente negativa, o que acontece em 66,7% dos casos, sendo neutra em 24,2% e positiva em 9,1% (quando associada a descidas de preço, sobretudo, ou projectos de investimento).

Acima (ponto 3.3) ficou demonstrado que as peças de valência negativa tenderam a corresponder sobretudo e em grande medida aos momentos em que foi mediatizada a subida do preço do petróleo. (Gráfico 7).

Porém, importa observar como se distribui a valência do discurso jornalístico nas peças sobre petróleo relativamente às três televisões. Nesta perspectiva, verifica-se que, na RTP1, em 12,3% dos casos era positiva, em 32,3% era neutra e em 55,4% era negativa. Nos telejornais da SIC registou-se uma menor proporção de peças valoradas positivamente (8,2%) e neutras (26%) e um aumento da proporção de peças negativas (65,8%). Na TVI, as proporções de peças com valência positiva e neutra (respectivamente, 7,4% e 16%) foram também inferiores ao observado na RTP1, tendo as peças com conotação negativa atingido 76,5% do total emitido pelo *Jornal Nacional* (Gráfico 16).

Esta tendência de distinção na valência das notícias das três televisões foi já identificada por Nuno Goulart Brandão, na sua análise global dos telejornais portugueses relativa a 2003: a RTP1 tende sistematicamente a apresentar notícias com sentido neutro e positivo com mais frequência do que os telejornais da SIC e da TVI (Brandão, 2006).

Gráfico 16. Notícias sobre petróleo: valência (frequências absolutas)



O Gráfico 16 mostra também que, de um total de 219 peças, o *Telejornal* da RTP1 foi o noticiário em que este tipo de energia surgiu menos frequentemente: 29,7%, enquanto na SIC essa proporção foi de 33,3% e na TVI correspondeu a 37% dos casos.

Deste modo, a dramatização do tema corresponde a uma espectacularização do assunto mediatizado, ainda que apenas através do discurso pronunciado pelos jornalistas, na ausência de imagens espectaculares, como notavelmente evidencia o seguinte texto do *pivot* do *Jornal da Noite* (SIC) a 18 de Abril:

«Esta subida imparável do petróleo vai, é quase certo, provocar um ciclo vicioso e infernal: disparam os preços, sobe a inflação, aumentam os juros, as empresas deixam de existir, a economia arrefece. O caso de Portugal é particularmente complicado porque depende muito do petróleo importado.»

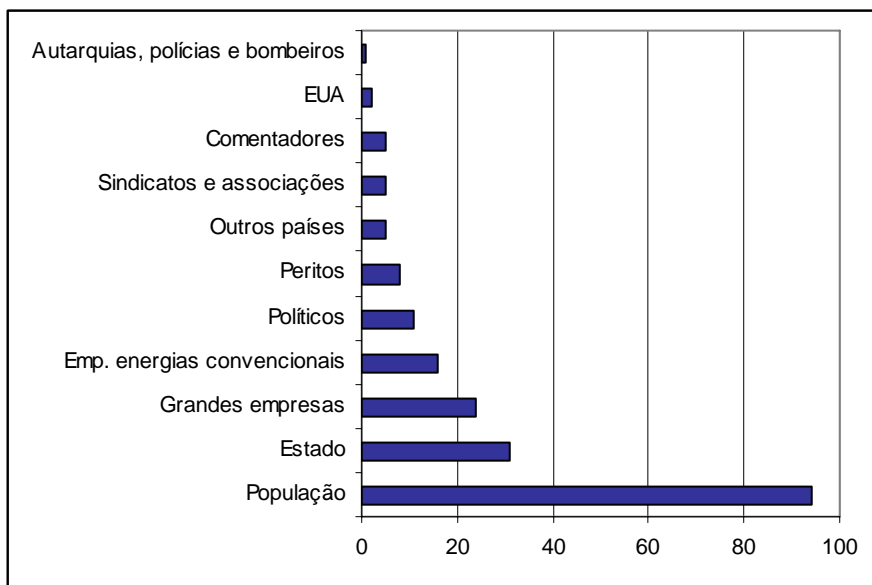
Este empolgamento do acontecimento com recurso a expressões superlativas te, como diz Jean-Jacques Jaspers (1998) tem como motivação a promoção da imagem da própria televisão e não objectivos jornalísticos.

O conjunto destas observações sugere que na produção de informação acerca da crise petrolífera estes três noticiários apresentam indícios de, tendencialmente, seguir duas vias distintas: a da TVI e da SIC, em que se manifesta a opção por um modelo que, visando a captação de audiência, enfatizou, dramatizando, a informação sobre o tema; e a da RTP1, em que a escalada de preço do petróleo surge representada de forma mais contida, provavelmente na tentativa de sintonia com a orientação de serviço público da estação.

A análise dos dados relativos a outra variável observada, os intervenientes nas peças informativas, parece comprovar a opção por dois estilos distintos na produção de informação. Os dados relativos ao total de notícias sobre petróleo mostram que 42,9% dos indivíduos intervenientes nessas peças eram homens

e mulheres quase sempre não identificados, ou seja, população anónima e indiferenciada. Em contrapartida, 14,2% eram figuras do Estado, 10,9% eram representantes de grandes empresas, 7,3% davam voz a empresas petrolíferas, 5% eram membros de partidos políticos e 3,6% eram peritos, entre outros (Gráfico 17).

Gráfico 17. **Notícias sobre petróleo: intervenientes** (frequências absolutas)



Estes dados indicam, por um lado, a tendência clássica no jornalismo de se privilegiar as fontes oficiais e os representantes do poder político, pela sua autoridade e credibilidade (Traquina, 2002). Em menor grau, foram também privilegiados representantes do poder económico. Mas estes dados indicam também, por outro lado, uma tendência de aproximação à realidade quotidiana vivida pelas audiências, através do recurso à recolha de depoimentos de cidadãos anónimos, ouvidos na condição de consumidores.

Esta opção jornalística parece inserir-se numa tendência actual de transformação do jornalismo no sentido de haver uma presença crescente nas notícias de componentes de interesse humano (Patterson, 2003). Efectivamente, o recurso frequente a depoimentos de cidadãos anónimos não é justificável pelo respectivo valor informativo. Trata-se geralmente de depoimentos muito curtos e indiferenciados. Pode pois deduzir-se que esta promoção da identificação do telespectador com os intervenientes nas notícias corresponde a uma estratégia comercial dos telejornais para captação de audiências através da emotividade e identificação.

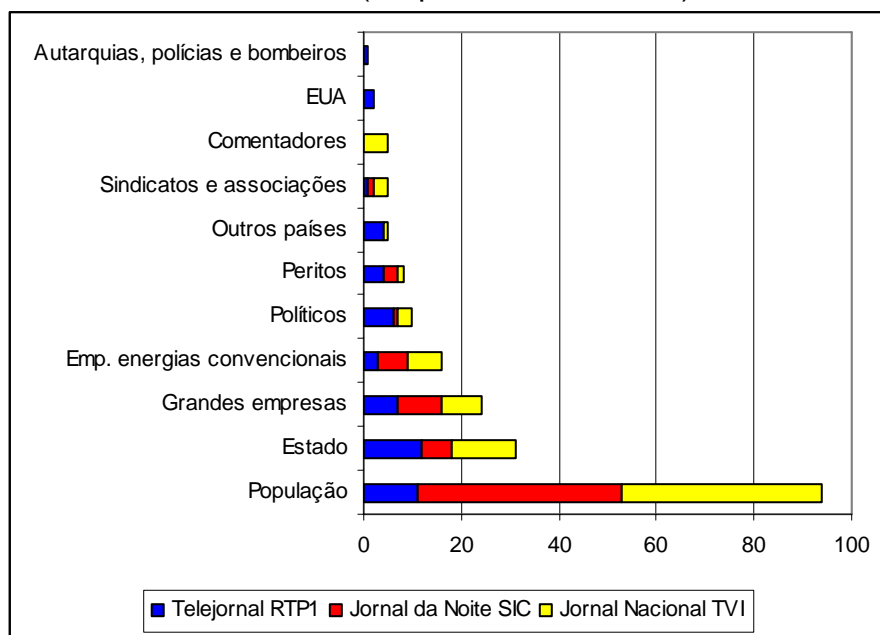
Mais uma vez, encontra-se aqui uma diferença significativa entre os critérios jornalísticos usados na RTP1, por um lado, e na SIC e TVI, por outro. Tal como mostra o Gráfico 18, foram as duas televisões privadas que, com mais frequência, e de modo bastante desproporcionado face ao conjunto dos intervenientes, e sem que nessa opção houvesse valor informativo justificável, recorreram a curtos depoimentos de cidadãos anónimos na rua: a SIC fê-lo em 57,5% das peças sobre petróleo, a TVI em 50,6% e a RTP1 em 16,9% dos casos.



Quanto a outras categorias de intervenientes, foi a RTP1 que mais frequentemente deu a palavra a figuras do Estado (18,5%), a representantes dos partidos políticos (9,2%), a peritos ou especialistas (6,1%) e também a personalidades estrangeiras, seja representando os EUA ou outros países (9,2%), tendo também, do mesmo modo que as outras televisões, dado voz a responsáveis por grandes empresas (10,8%). Estes factos poderão ser explicados como uma tentativa de promover o equilíbrio e a diversidade dos que «têm voz» nos telejornais, de acordo com o princípio do pluralismo, ou neutralidade, que deve caracterizar o serviço público (Brandão, 2006; Jespers, 1998; Lopes, 1999).

Por seu lado, o *Jornal Nacional* da TVI foi o único a recorrer à intervenção de comentadores, tal como é habitual neste noticiário, o que pode ser considerado um indicador da adopção de um modelo jornalístico interpretativo e explicativo (Cardoso, 2006: 293).

Gráfico 18. **Intervenientes nas notícias sobre petróleo: telejornais da RTP1, SIC e TVI (frequências absolutas)**



Estes dados constituem um indicador do centramento do ângulo noticioso dos telejornais na perspectiva dos custos para os consumidores portugueses da subida do preço do petróleo, negligenciando-se outras perspectivas possíveis, como seria, por exemplo, num plano internacional, o efeito muito positivo da crise petrolífera na economia angolana, onde em 2006 a taxa de crescimento prevista era de 15% (*Público*, 3.4.2006).

O acima exposto permite concluir que, pela relevância, extensão e intensidade com que os telejornais transmitiram informação acerca deste tema, assistiu-se a um efectivo processo de tematização (Horta, 2005) da crise petrolífera, ou seja, a um processo de agendamento informativo em que o problema tematizado foi colocado na ordem do dia da atenção do público, sendo-lhe dado o relevo adequado e salientada a sua centralidade e significado

relativamente ao fluxo da informação não-tematizada (Wolf, 1992:144). Os processos de tematização têm como efeito contribuir para a formação da opinião pública.

## 5.2. O programa nuclear do Irão

Em torno da energia nuclear surgiram diversos assuntos que foram objecto de atenção pública neste período. O tema largamente mais mediatizado consistiu na forte polémica a nível internacional relativamente ao desenvolvimento pelo Irão de um programa de enriquecimento de urânio com vista à produção de energia nuclear.

Embora este país afirme que se trata de um programa com fins pacíficos, o facto de esta tecnologia de produção energética permitir o desenvolvimento de armas nucleares, num país com um posicionamento político muito crítico relativamente à comunidade ocidental, para mais situado numa região geo-estratégica delicada, foi entendido por muitos países, e sobretudo pelos Estados Unidos, como uma ameaça real. Deste modo, no período analisado assistiu-se ao desenvolvimento de negociações com o Irão, no quadro da ONU, no sentido de travar este processo de enriquecimento de urânio.

As notícias relativas à «questão nuclear do Irão» representam 20,3% do total de peças sobre energia. No que diz respeito apenas às notícias sobre energia nuclear, a questão do Irão representa 72,5% das peças. Este peso da temática do armamento no âmbito da informação televisiva sobre a energia nuclear não será surpreendente: entre 1956 e 1995 tendeu a ser a principal dimensão desta energia a ser mediatizada pelos telejornais da RTP (Schmidt, 2003).

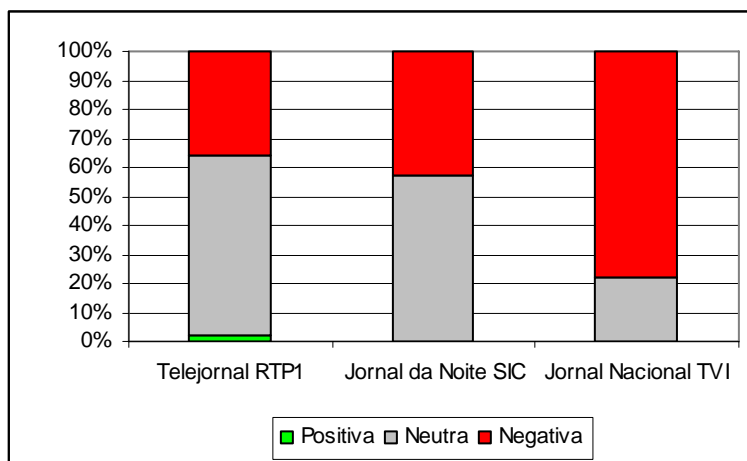
Precisamente metade (50%) das notícias sobre a questão nuclear do Irão foi transmitida pela RTP1, 36% pela TVI e 14% pela SIC. Esta diferença estará relacionada com o facto de, entre os três, ser o noticiário da RTP1 que concede mais atenção aos acontecimentos de âmbito internacional. Com efeito, 51,2% de todas as notícias sobre energia com uma temática internacional foram transmitidas pelo *Telejornal*, enquanto o jornal da TVI transmitiu 36,4% e o da SIC transmitiu 12,4%. Nuno Goulart Brandão constatou também que é o noticiário da RTP1 que maior proporção de peças informativas tende a dedicar à actualidade política internacional: num estudo relativo a 2003 verificou-se que a RTP1 atribuiu a esta secção 24,7% das notícias, enquanto a SIC lhe dedicou 22,1% e a TVI 16,5% (Brandão, 2006: 5).

No que diz respeito à posição das notícias sobre a questão nuclear do Irão no alinhamento dos telejornais, verifica-se que a este assunto nunca correspondeu qualquer notícia de abertura de um noticiário. Apenas 10% das peças foram inseridas até à 10ª posição do alinhamento. E 45% destas notícias situaram-se entre as posições 15 e 20 dos alinhamentos.

Em termos globais, a valência destas notícias dividiu-se, bastante equitativamente, entre o sentido negativo (52%) e neutro (47%), tendo-se

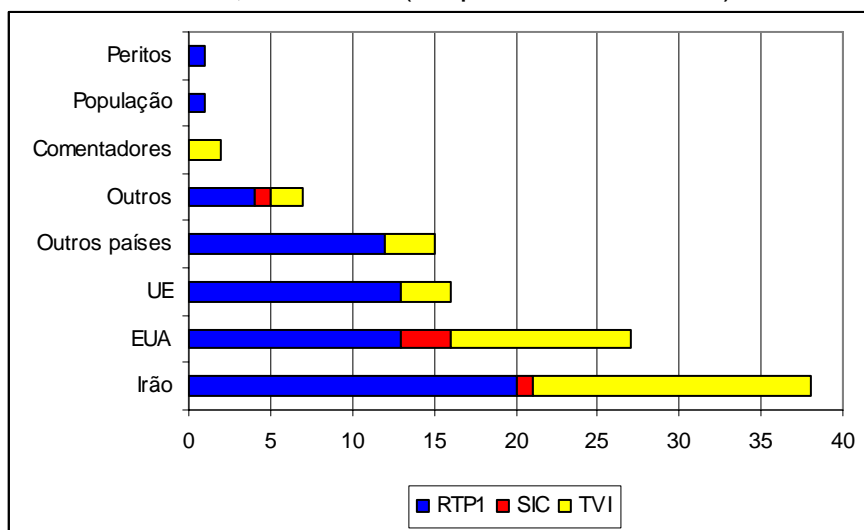
registado apenas um caso (1%) de uma notícia conotada positivamente. No entanto, quando ventiladas pelos três telejornais, verificou-se que 77,8% destas peças exibidas pela TVI tinham valência negativa, enquanto na RTP1 e na SIC se verificaram, respectivamente, 36% e 42,9% (Gráfico 19).

Gráfico 19. Valência das notícias sobre a questão nuclear do Irão: RTP1, SIC e TVI



Quanto aos indivíduos que acederam às notícias sobre esta questão na qualidade de intervenientes com discurso directo, verifica-se que a categoria mais frequente (35,5% dos casos) corresponde a representantes do Irão, seguindo-se os representantes dos EUA (25,2%), da União Europeia (14,9%) e de outros países (14%). Foi novamente o *Telejornal* da RTP1 que maior neutralidade apresentou na selecção dos intervenientes. A TVI tendeu a privilegiar os representantes do Irão e dos EUA e a SIC, tendo recorrido por apenas cinco vezes a intervenientes, privilegiou os norte-americanos (Gráfico 20).

Gráfico 20. Intervenientes nas notícias sobre a questão nuclear do Irão: RTP1, SIC e TVI (frequências absolutas)



### 5.3. A hipótese de uma central nuclear em Portugal

À excepção das 100 peças registadas sobre a questão nuclear do Irão, as restantes 38 relativas a este tipo de energia diziam respeito, principalmente, ao debate acerca da instalação de uma central nuclear em Portugal (14 casos), ao 20º aniversário do acidente de Chernobyl (13), ao desmantelamento da mais antiga central nuclear espanhola, Guadalajara (3) e à comemoração do 30º aniversário da manifestação de protesto realizada em Ferrel contra a energia nuclear (3).

Quanto ao debate sobre a hipotética construção de uma central nuclear em Portugal, apesar de o reduzido número de unidades informativas não permitir uma análise quantitativa aprofundada, pela projecção mediática que teve – particularmente na imprensa escrita, mas também em programas televisivos sobre a actualidade – importa observar como se processou a sua cobertura pelos telejornais.

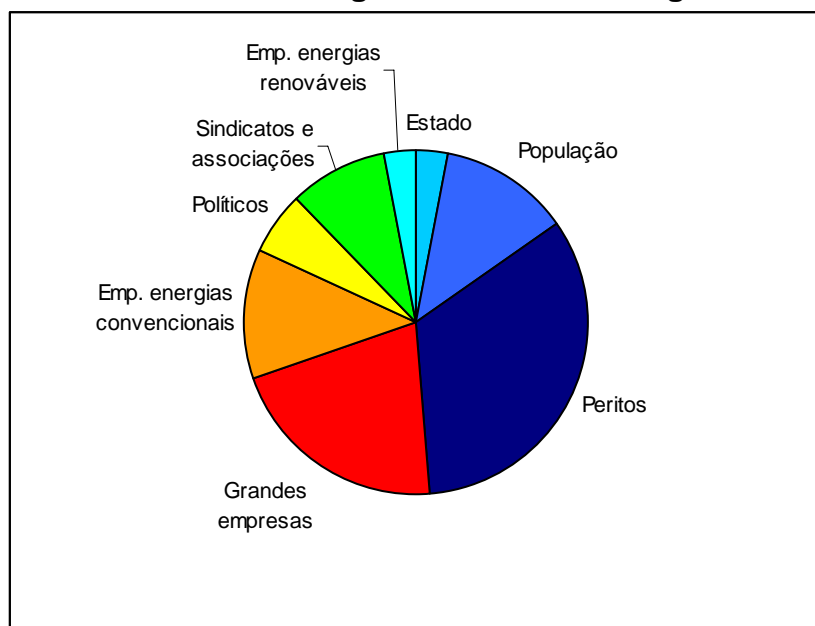
O debate público em torno da introdução da energia nuclear em Portugal surgiu a partir do anúncio, em Junho de 2005, de um projecto, promovido pelo empresário Patrick Monteiro de Barros, de construção de uma central nuclear com capacidade para produzir 1.700 megawatts de electricidade. Membros do governo, se bem que não se mostrassem favoráveis ao projecto, admitiram que a questão deveria ser debatida.

Nos telejornais analisados, as peças relativas a este assunto surgiram sobretudo em Fevereiro e, em menor quantidade, em Maio, tendo sido principalmente a RTP1 a noticiá-las: 42,9% dos casos, enquanto pela SIC foram emitidas 35,7% e pela TVI 21,4% do total.

Parte importante destas peças (42,9%) foi anunciada durante os noticiários, o que demonstra uma pressuposição ou reconhecimento jornalístico do interesse do público relativamente ao tema. Com efeito, como diz Luísa Schmidt, a hipótese da instalação de uma central nuclear no país, sempre que foi colocada, tem suscitado grande emotividade na opinião pública e mobilização cívica (Schmidt, 2003: 240).

No que diz respeito aos intervenientes nestas notícias, verifica-se que, ao contrário do que sucedeu na maior parte das notícias sobre outras temáticas, foram os peritos e especialistas que mais frequentemente foram convidados a produzir discurso directo. Com efeito, em 33,3% dos casos os telejornais deram voz àqueles que detém conhecimentos especializados sobre energia nuclear. A segunda categoria mais representada nas notícias (21,2%) corresponde a representantes de grandes empresas, onde se incluiu, por quatro vezes, o empresário Patrick Monteiro de Barros. Em contrapartida, os representantes de associações ambientais foram ouvidos em 9% dos casos (Gráfico 21).

Gráfico 21. Notícias sobre energia nuclear em Portugal: intervenientes



As notícias sobre o tema apresentaram uma valência tendencialmente neutra (50%), em 35,7% dos casos, negativa, e positiva em 14,3% do total.

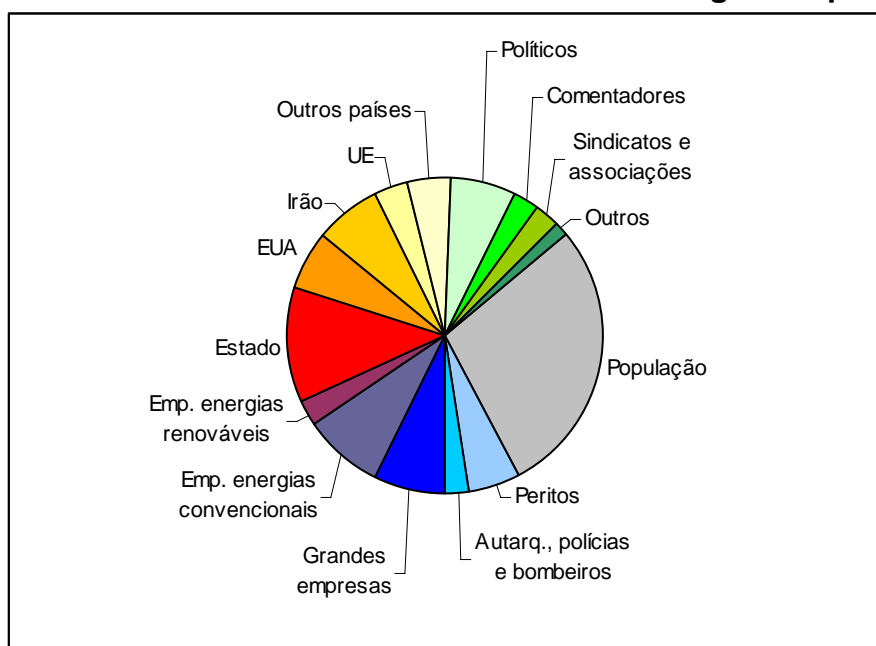
À excepção de uma notícia, que a 24 de Fevereiro (RTP1) reportava declarações do primeiro-ministro afastando da agenda política a introdução da energia nuclear em Portugal, as restantes peças produzidas sobre o tema diziam respeito ao debate público. De facto, embora não havendo acontecimentos a reportar relativamente à opção pela construção de uma central nuclear, os interessados no projecto promoveram a obtenção de atenção pública sobre o tema. Tratou-se, pois, de um pseudo-acontecimento visando a difusão da ideia de que a energia nuclear fazia parte da agenda política.

## 6. Intervenientes na mediatização da energia

Outra dimensão de análise da mediatização da energia pelos telejornais correspondeu aos intervenientes nas unidades informativas. Por intervenientes entendem-se todos os sujeitos, externos à redacção, que acederam aos noticiários, na qualidade de protagonistas ou intérpretes de determinado acontecimento ou tema, pela inclusão do seu discurso directo. Além do registo da identificação dos intervenientes, posteriormente agrupados em categorias, procedeu-se ao registo do tempo de palavra de cada um.

Os dados obtidos revelam que, nas 493 notícias analisadas, surgiram 549 intervenientes. No total, indivíduos indiferenciados da população constituem a categoria mais representada, tendo participado em 28,2% dos casos. Os representantes do Estado surgiram em 12%, empresas de energias convencionais 8,2%, grandes empresas, 7,1%, Irão 6,9%, políticos nacionais 6,7%, EUA 5,8%, peritos 5,5%, outros países 4,6%, União Europeia 3,3%, empresas de energias renováveis, comentadores, sindicatos e associações e autarquias, bombeiros e polícias, 2,6% e outros 1,5% (Gráfico 22).

Gráfico 22. Intervenientes nas notícias sobre energia: frequência



Verifica-se, assim, uma significativa polarização das notícias sobre energia na população anónima, o que, como já foi notado relativamente à tematização da crise petrolífera, indica uma tentativa por parte dos telejornais de aproximação à realidade quotidiana das audiências, introduzindo uma componente de interesse humano na informação.

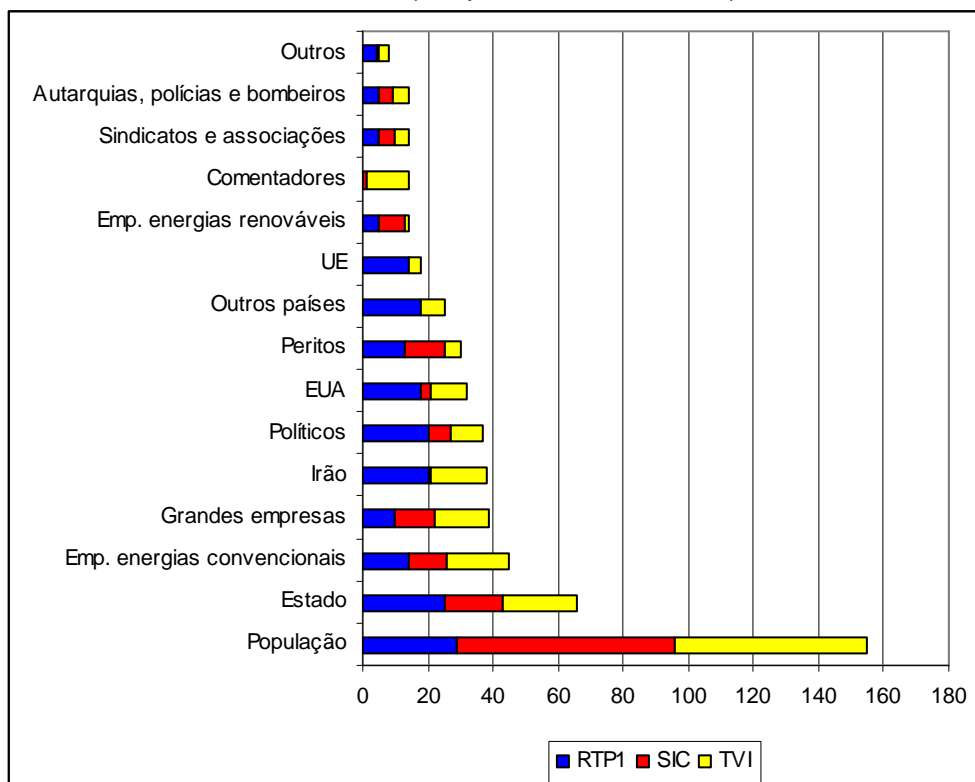
Observando mais detalhadamente, constata-se que as cinco categorias mais frequentes foram a de «homem não identificado», com 71 casos (12,9%), a de

«mulher não identificada» (6,9%), o Ministro da Economia e da Inovação, Manuel Pinho (6,4%), peritos ou especialistas (5,1%) e representantes de associações empresariais (4,7%).

Assim, uma primeira constatação é de que na categoria «população» observa-se uma importante diferenciação de género: se 14,6% dos intervenientes nas notícias são homens, apenas 8,4% são mulheres. Este desequilíbrio revela-se de modo mais acentuado nos noticiários da TVI, em que a proporção de mulheres, ouvidas enquanto «população», é de 31,2%. Na RTP1 correspondeu a 40,9% e na SIC a 39,3%.

No que diz respeito às diferenças entre telejornais quanto aos intervenientes nas notícias, e à semelhança do que foi notado relativamente à tematização da subida do preço do petróleo, observa-se, por parte da SIC e da TVI, uma enfatização da presença de cidadãos anónimos, que se traduz em 44,4% do total de intervenientes no caso da SIC e em 29,8% no caso da TVI. No telejornal da RTP1, por outro lado, 14,5% dos intervenientes são recrutados na «população» (Gráfico 23). Deste modo, na RTP1 tende a haver maior pluralidade nos que intervêm nas notícias, já que à excepção da categoria «comentadores» (que surge quase exclusivamente na TVI), todas as outras puderam ter «voz». É também na RTP1 que os actores políticos, quer na representação do Estado, quer na de partidos políticos, tendem a surgir com mais frequência: 22,5%, enquanto na SIC constituem 16,6% e na TVI 16,7% dos casos. No caso da SIC, note-se ainda que os intervenientes estrangeiros tendem a estar quase ausentes (apenas 2,6% do total).

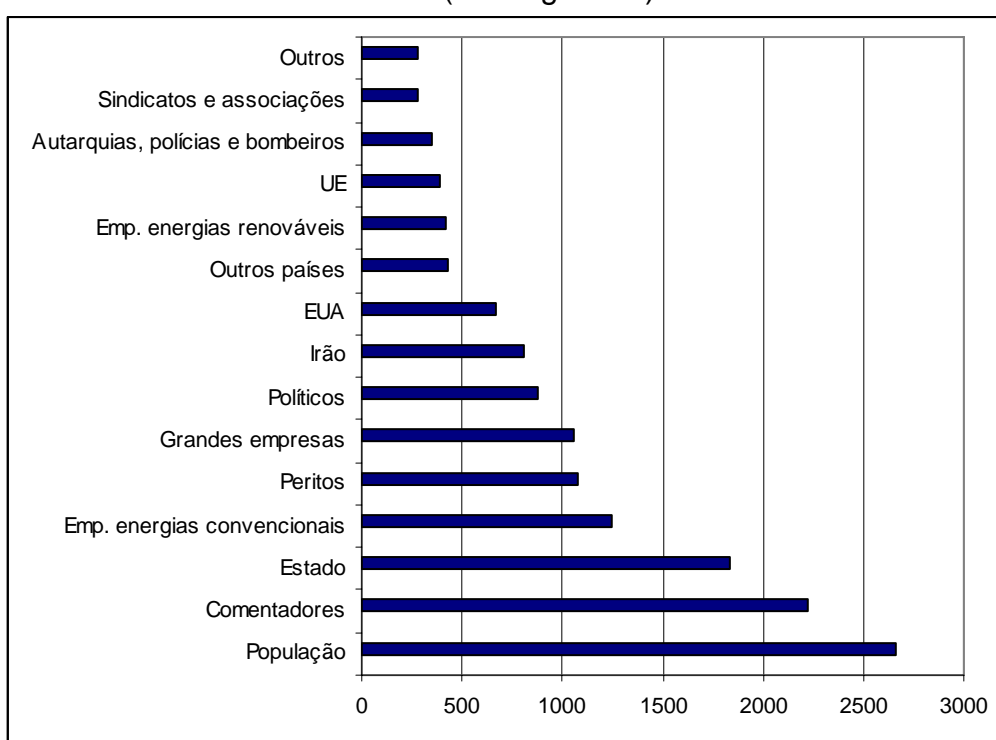
**Gráfico 23. Intervenientes nas notícias sobre energia: telejornais da RTP1, SIC e TVI (frequências absolutas)**



Além da frequência com que as diferentes categorias de intervenientes surgem nas notícias, convém ter em consideração o tempo de palavra que efectivamente lhes é concedido. Com efeito, o cruzamento destas duas variáveis permite relativizar e medir com mais exactidão a importância atribuída a cada tipo de interveniente.

Verifica-se deste modo, como mostra o Gráfico 24, que, não obstante a elevada frequência com que foram recolhidos depoimentos da população anónima, o tempo total de discurso que lhe foi atribuído não é muito superior ao dos comentadores e representantes do Estado.

**Gráfico 24. Intervenientes nas notícias sobre energia: tempo de palavra total (em segundos)**



Efectivamente, em 81,4% dos casos em que um cidadão indiferenciado foi ouvido num noticiário, o seu tempo de palavra não ultrapassou 20 segundos. Em contrapartida, os comentadores puderam falar directamente sempre mais de um minuto e meio. Quanto aos representantes do Estado, em 42,1% dos casos, puderam falar entre 21 e 40 segundos.

Deste modo, se bem que os cidadãos apareçam muito frequentemente nas notícias sobre energia, o seu discurso é desvalorizado, dado que em vinte segundos dificilmente se transmitem ideias complexas ou produzem descrições de realidades e preocupações. A presença da população nas notícias terá assim como função principalmente o estabelecimento de processos de reconhecimento e identificação dos espectadores com a realidade reportada e, com isso, a captação da atenção das audiências.

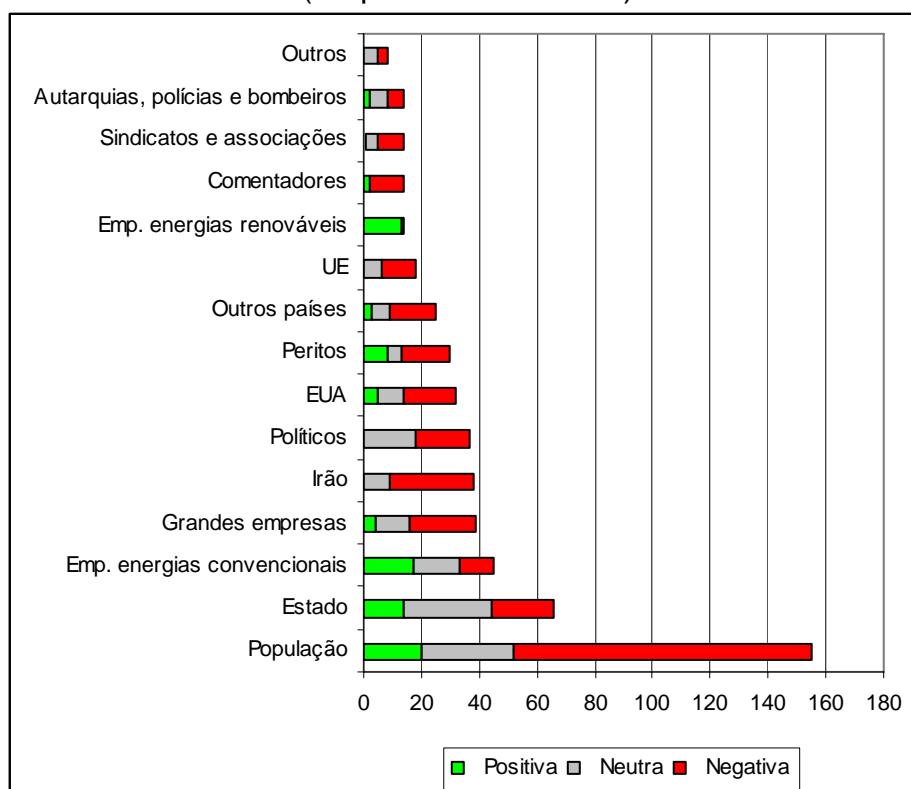


Noutra perspectiva, pode observar-se que os intervenientes nas notícias tendem a estar associados a peças com valência negativa. À excepção das empresas de energias renováveis, que surgem quase sempre em peças de sentido positivo, e dos representantes do Estado (Gráfico 25).

O facto de, em 66,5% dos casos em que a população é interveniente nas notícias, estas terem uma valência negativa sugere, tal como verificado a propósito da mediatização do petróleo, que o recurso jornalístico a depoimentos de cidadãos anónimos constitui uma forma de dramatização da realidade.

No plano internacional, pode observar-se que, apesar de os representantes do Irão surgirem mais frequentemente e com maior tempo de palavra total que os representantes dos Estados Unidos, no que diz respeito à valência das notícias em que intervêm, surgem associados a peças de sentido negativo numa proporção maior: 76,3%, enquanto as peças com valência negativa em que surgem os EUA correspondem a 56,2% dos casos (Gráfico 25).

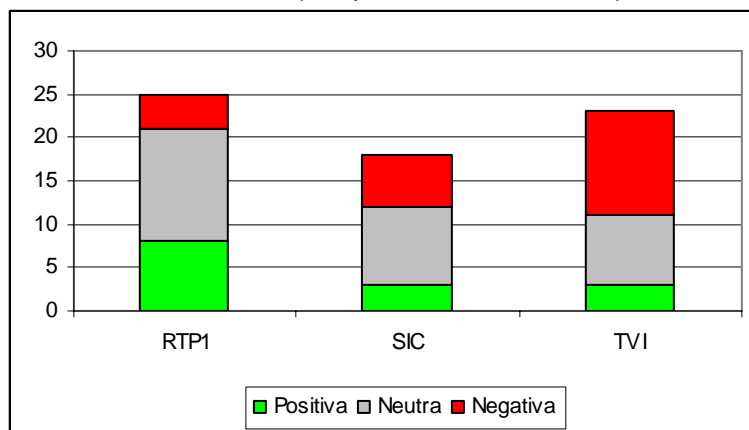
**Gráfico 25. Intervenientes nas notícias sobre energia: valência**  
(frequências absolutas)



Nos casos em que representantes do Estado intervêm em notícias sobre energia, verifica-se que é nos telejornais da RTP1 que a valência das peças tende a ser proporcionalmente mais positiva. De facto, tal como mostra o Gráfico 26, 32% das notícias da RTP1, associam as figuras do Estado a peças com sentido positivo, enquanto na SIC essa proporção é de 16,7% e na TVI corresponde a 13% dos casos. Em contrapartida, na TVI, 52,2% das notícias

em que representantes do Estado surgem como intervenientes têm sentido negativo, enquanto na SIC essa proporção é de 33,3% e na RTP1 constitui 16% dos casos.

Gráfico 26. **Valência das notícias em que o Estado é interveniente: RTP1, SIC e TVI (frequências absolutas)**



Estas diferenças poderão estar relacionadas com o facto de a RTP1, de um modo geral, tender a privilegiar uma abordagem neutra, tal como evidenciado através do Gráfico 8, enquanto, por outro lado, a TVI parece tender a posicionar-se como «contra-poder».

## 9. Síntese dos resultados

Tendo sido analisada a produção jornalística de informação sobre energia nos noticiários de *prime time* da RTP1, SIC e TVI durante o primeiro semestre de 2006, os principais resultados obtidos podem sintetizar-se do seguinte modo.

No período analisado, a energia foi noticiada com bastante frequência pelos telejornais, podendo estimar-se que correspondeu a 2,5% do total das unidades informativas transmitidas.

Na cobertura informativa da energia observou-se um grande desequilíbrio na frequência de notícias sobre os diversos tipos de energia, tendo-se destacado os assuntos relacionados com o petróleo e com o nuclear. As energias renováveis, apesar de no contexto actual surgirem como uma necessária alternativa às energias convencionais, têm uma expressão reduzida neste período, não ultrapassando 7% dos casos.

Ao contrário das energias renováveis, que em 75% dos casos são abordadas em notícias com valência positiva, o petróleo e o nuclear, mas também a electricidade, estão associados sobretudo a peças com valência negativa. Deste modo, em termos globais, a energia foi tendencialmente representada neste período com uma conotação negativa, o que ocorreu em 55% do total de notícias.

Apesar de, na maioria dos casos (77,1%), as peças sobre energia terem surgido no decorrer dos telejornais sem qualquer destaque, de forma normalizada, verificou-se que em 12,8% dos casos, de um modo disruptivo, constituíram o tema de abertura dos noticiários. Observou-se também que as temáticas que suscitaram este efeito disruptivo no fluxo de informação sobre energia variaram nos três telejornais, privilegiando-se, na RTP1, notícias acerca de políticas ou medidas governativas, na SIC, notícias relativas à crise petrolífera e, na TVI, ambas as temáticas na mesma proporção.

Algumas séries de acontecimentos foram particularmente mediatizadas. A que mais se destaca, pelo volume de informação produzida e pela relevância que lhe foi atribuída, corresponde à crise petrolífera. Em segundo lugar, destaca-se o caso do programa nuclear do Irão.

Este desequilíbrio entre os tipos energéticos representados corresponde aos acontecimentos verificados, mas é também resultado dos critérios jornalísticos utilizados pelas televisões na promoção dos acontecimentos em notícia. A este respeito, o observado acerca da tematização da crise petrolífera parece elucidativo.

A cronologia da subida do preço do petróleo está associada à evolução do total de notícias sobre energia, visto que quase metade (44,4%) das peças do

*corpus* diziam respeito a este combustível. Porém, como ficou demonstrado, mesmo depois de estabilizados os preços e iniciada a sua descida, a 3 de Maio, a crise petrolífera continuou a ser mediatizada, numa opção jornalística de dar continuidade ao tema, que se traduziu em peças com um carácter dramático e tendencialmente aproximativas à realidade quotidiana da população, não só pelos assuntos abordados como pelo recurso a rápidos depoimentos de cidadãos anónimos.

A este nível, a tendência para produção de informação dramatizada e com componentes de interesse humano foi observada especialmente na TVI e na SIC, tendo a RTP1 conseguido caracterizar-se por uma menor dramatização e maior neutralidade na selecção dos intervenientes nas notícias.

Porém, estas diferenças entre televisões detectadas na abordagem jornalística da energia traduzem-se, de um modo geral, na sistemática tendência para a presença de maior negatividade nas peças da TVI (68,6% dos casos) e maior neutralidade nas da RTP (41,6%), enquanto o noticiário da SIC se situou numa posição intermédia (54,5% das peças tinham valência negativa e 30,1% neutra).

Pode concluir-se que, na mediatização da energia ocorrida neste período, a pressão comercial sofrida pelas televisões no sentido de se promover a captação de audiência através da dramatização e da exploração de componentes de interesse humano, surge de modo evidente nos telejornais, sobretudo na TVI e na SIC. No caso dos noticiários da RTP1, observam-se indícios de comprometimento com o modelo de serviço público.

Este tipo de mediatização parece ter contribuído para a construção no espaço público da ideia de que o paradigma energético actualmente em vigor se encontra ameaçado e, inclusivamente, em crise. Porém, não foram mediatizadas com clareza alternativas ou soluções. A representação das energias renováveis foi bastante reduzida, se bem que claramente favorável. A liberalização do mercado eléctrico revelou-se problemática. A energia nuclear, que determinado grupo procurou promover como alternativa, apesar da sua forte conotação negativa, surgiu como uma hipótese não totalmente descartada. Outras possibilidades, como o aumento da eficiência energética, não tiveram expressão.

## 10. Bibliografia

- Boorstin, D. (1992 [1961]), *The Image. A guide to pseudo-events in America*, New York: Vintage Books.
- Bourdieu, P. (1997), *Sobre a Televisão*, Oeiras: Celta.
- Brandão, N. G. (2002), «As categorias temáticas dominantes nos telejornais» in *Trajectos*, 1:79-89.
- Brandão, N. G. (2006), «Os telejornais – encontros quotidianos com a actualidade e para a construção social da realidade», comunicação apresentada no IX Congresso IBERCOM, disponível em <<http://www.hapaxmedia.net/ibercom/pdf/GoulartBrandaoNuno.pdf>>.
- Cardoso, G. (2006), *Os Media na Sociedade em Rede*, Lisboa: Gulbenkian.
- CCE (2007), *Uma Política Energética para a Europa. Comunicação da Comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu*, Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias, disponível em <[http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/site/pt/com/2007/com2007\\_0001pt01.pdf](http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/site/pt/com/2007/com2007_0001pt01.pdf)>.
- Horta, A. (2005), *Imprensa e Memória Social da Europa*, Tese de doutoramento em sociologia, Lisboa: ISCTE.
- Jespers, J.-J. (1998), *Jornalismo Televisivo*, Coimbra: Minerva.
- Lopes, F. (1999), *O Telejornal e o Serviço Público*, Coimbra: Minerva.
- McQuail, D. (2003), *Teoria da Comunicação de Massas*, Lisboa: Gulbenkian.
- Patterson, T. (2003), «Tendências do jornalismo contemporâneo. Estarão as notícias leves e o jornalismo crítico a enfraquecer a Democracia?» in *Media & Jornalismo*, 2: 19-47.
- Portugal (2005), *Estratégia Nacional para a Energia*, Resolução do Conselho de Ministros nº 169/2005, disponível em <[http://www.portugal.gov.pt/Portal/PT/Governos/Governos\\_Constitucionais/GC17/Ministerios/MEI/Comunicacao/Outros\\_Documentos/20051024\\_MEI\\_Doc\\_Estrategia\\_Energia.htm](http://www.portugal.gov.pt/Portal/PT/Governos/Governos_Constitucionais/GC17/Ministerios/MEI/Comunicacao/Outros_Documentos/20051024_MEI_Doc_Estrategia_Energia.htm)>.
- Schmidt, L. (2003), *Ambiente no Ecrã. Emissões e demissões no serviço público televisivo*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Traquina, N. (2002), *Jornalismo*, s/l: Quimera.
- Tuchman, G. (1978), «Making news: time and typifications» in McQuail, Denis (ed.) (2002), *McQuail's Reader in Mass Communication Theory*, London: Sage: 260-269.
- Wolf, M. (1992), *Teorias da Comunicação*, 2ª ed., Lisboa: Presença.

## Ficha Técnica

<b>Título</b>	A Mediatização da energia nos telejornais – Análise do primeiro semestre de 2006
<b>Coordenador Científico</b>	Gustavo Cardoso
<b>Investigadores</b>	Ana Horta e Vanessa Conde
<b>Coordenação Editorial</b>	Rita Espanha



**OBERCOM** - Observatório da Comunicação  
Palácio Foz - Praça dos Restauradores  
1250-187 LISBOA

e-mail: [obercom@obercom.pt](mailto:obercom@obercom.pt)  
tel.: 213221319  
fax.: 213221320  
<http://www.obercom.pt>